

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

O filme “Vidas Secas”, de Nelson Pereira dos Santos O capitalismo e a persistência do arcaico na modernidade brasileira.

Ricardo Q. T. Bellio¹

Patrícia C. Pessoa Pousa²

INTRODUÇÃO

O filme “Vidas Secas” dirigido por Nelson Pereira dos Santos em 1963 e baseado no livro homônimo de Graciliano Ramos, é uma obra característica do chamado Cinema Novo Brasileiro e até hoje é cultuada dentro e fora do país.

A obra cinematográfica enfoca a peregrinação silenciosa e sem fim de quatro seres humanos e uma cadelinha arrastando-se em meio à paisagem hostil do sertão nordestino brasileiro, tomados pelo impulso de sobrevivência a qualquer custo.

¹ Juiz Federal do Trabalho do TRT da 2ª. Região (1996), Mestrado em Processo Civil pela Universidade de São Paulo (1990), Mestrado em Direito Internacional (LL.M – Master of Laws) pela University of Illinois (1994), Graduação em Direito pela Universidade de São Paulo (1988).

² Mestrado em Enfermagem pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Graduação em Enfermagem pela Unicamp (1987). Atua como Gerente de Gestão de Pessoas em Hospital de grande porte em Campinas/ S.P. É docente da Pós-Graduação em Administração na FGV nas disciplinas de Metodologia de Pesquisa, Gestão de Pessoas, Liderança, Administração e orientação de Trabalho de Conclusão de Curso.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

BREVE RESUMO DA OBRA

Em meio à paisagem hostil do sertão nordestino, quatro seres humanos e uma cadelinha não andam, mas se arrastam numa peregrinação silenciosa, com expressões monossilábicas. Fabiano, o pai, marido, vaqueiro, ignorante e de comportamento quase animalesco, casado com Sinhá Vitória, mulher forte e de algum conhecimento. Além deles, o filho mais velho e o filho mais novo, ambos inominados e, finalmente, a cadela Baleia, companheira fiel e de comportamento quase humanizado, muito querida pelas crianças e tratada como gente, única sobrevivente dentre os animais da família, uma vez que o outro animal - um papagaio - fora sacrificado a fim de aplacar a fome que se abatia sob a existência daqueles seres humanos.

Entre trilhas e caminhos incertos, Fabiano e família encontram uma fazenda abandonada, um local que traz alguma esperança a todos pela existência de água, mesmo em meio à lama, e a possibilidade de repouso protegido por um teto. A sensação de felicidade torna-se real quando Baleia traz entre os dentes um preá que saciaria momentaneamente a fome de todos.

A fazenda aparentemente abandonada tinha um dono, que logo apareceria e reclamaria a posse do local. Para Fabiano, a única solução seria permanecer ali mesmo, tomando conta do local, como vaqueiro que era, e servindo àquele patrão, desonesto e explorador.

Mas humilhado pelo tratamento bruto recebido pelo patrão, Fabiano sentia-se um animal, pois sabia que perdera o direito de ser homem, de ter vontade e de escolher. A vontade de lutar era sempre derrotada pelo fantasma da imagem de perdedor o perseguia.

Fabiano não gostava de falar e não queria falar para não ter o esforço de pensar e irritava-se facilmente ao ser perguntado pelo filho mais velho. A educação dos filhos resumia-se a mantê-los vivos, sem aspirações ou desejos.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Para Fabiano, a vida consistia em ter o mínimo necessário, não o máximo possível. A subsistência era a meta e jamais a essência como ser humano, pois foi assim que aprendera. E a vida era um círculo que se repetia.

Na verdade, mesmo com o trabalho na fazenda, a situação de Fabiano e sua família persistia, típica de quem não tem nada e vive errante. Uma simples cama igual àquela de Seu Tomás da bolandeira, para eles, significaria um sonho realizado.

Para piorar a situação, segue-se a prisão de Fabiano, fruto de uma ida a feira para comprar mantimentos, querosene e um corte de chita vermelha.

Fabiano revolta-se com a qualidade do querosene e com o preço da chita e desvia-se para beber um pouco de pinga e recebe o convite de um soldado amarelo para um jogo de cartas. A vida lhe armaria então outra peça. Depois de perder todo o seu dinheiro no jogo, Fabiano levanta-se para deixar o local, irritando profundamente o soldado amarelo, que então barra a passagem de Fabiano e pisa fortemente em seu pé. O vaqueiro suporta os insultos até o seu limite, terminando por vomitar xingamentos ao soldado amarelo. Este, com o destacamento à sua volta, prende Fabiano, que é humilhado publicamente.

Na cadeia, Fabiano tenta refletir sobre os últimos acontecimentos e suas reações. Ou melhor, na ausência de reação, em sua passividade constante. Na provável decepção de Sinhá Vitória, que o pressionava e sempre o culpava por tudo. Fabiano pensa em vingar-se do soldado amarelo, mas logo deixa a ideia de lado. Tinha a família para cuidar.

Sinha Vitória, inconformada com a miséria em que vivem, tem noites mal dormidas na cama de varas. E falar com o marido não resolve, pois ele não resolve. Ela sonhava com uma cama de lastro de couro, como a de Seu Tomás da bolandeira, como a de pessoas normais, que para Fabiano era um objeto desnecessário.

Quando surge a única oportunidade de Sinhá Vitória enfeitar-se como mulher, ouve de Fabiano que ela estava ridícula naqueles sapatos de verniz, caminhando como uma boba, mancando. Sinhá Vitória não recebia de Fabiano sequer um elogio, um carinho, e muitas vezes nem mesmo era notada, o que a machucava. E tudo lhe irritava em Fabiano, as suas palavras, o

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

seu jeito, a sua maldade e o seu ronco. Os pensamentos de Sinhá Vitória concentravam-se agora na seca, no abrigo, na fome e na vergonha. Mas sentia que a seca estava longe e isto a fazia dispersar o sofrimento das andanças. Sobreviver a cada dia e adiar os sonhos, mas que sonhos? Uma cama?

O filho menor tinha a imagem do pai como o vaqueiro que domava os animais e carregava uma arma e sonhava imitá-lo. Também se sentira humilhado quando despencara da ribanceira, pois estava sobre um bode que procurava domar, tal qual o pai. Isto tudo aconteceu quando as cabras foram ao bebedouro, encaminhadas pelo menino mais velho e por Baleia e, em meio a toda esta situação, findara-se tonto e caído no chão, humilhado pelas gargalhadas do irmão. Mas um dia seria grande, um vaqueiro, com roupas de vaqueiro.

Já o menino mais velho começara a questionar palavras que não lhe faziam sentido, mas quase não havia palavras. O que seria inferno? Sentia-se ignorado pela resposta vaga que a mãe lhe dera. E depois era repreendido, pois não podia perguntar, nem mesmo sobre palavras bonitas. Sua cabeça dava um nó, estava melancólico e não tinha respostas para o que seria o inferno. Talvez um lugar de cascudos, de fome, de seca, de perda e de perigo.

O inverno chega e com ela as chuvas da estação pareciam fazer a seca esquecida e isso alegrava Fabiano, mas Sinhá Vitória pensava na possibilidade de uma inundação que os fizesse subir a lugares mais altos e perder a casa. Eles não tinham controle sobre nada, nem mesmo um plano para escapar. O importante era manter-se vivos a qualquer custo.

A rotina da família é quebrada quando surge uma festa na cidade próxima e todos podem mostrar a sua existência vestidos com as suas melhores roupas. A longa caminhada ajudava a desfigurar a aparência e o figurino que complicava ainda mais a andança até que Fabiano, esgotado, tira os sapatos livrando-se de tudo o que o sufocava, sendo copiado silenciosamente pelos demais. Voltaram a ser o que eram.

Mas chegando na cidade, tinham que se aprumar. Sinhá Vitória sentia-se gente, pois carregava um guarda-chuva. Os meninos sentiam-se agraciados e maravilhados com tantas luzes e pessoas, além da igreja, que os encantou com suas imagens nos altares. Para Fabiano tudo

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

aquilo era um suplício, apertado entre a multidão, todos eram inimigos. Ah, com certeza estavam mangando da sua feição e da sua roupa, era isto que o povo da cidade fazia, era a experiência que o atormentava, era o fantasma da humilhação do soldado amarelo.

Tudo era novidade, Sinhá Vitória e os meninos foram ver o carrossel e as barracas de jogos enquanto Fabiano afastava-se deles para beber pinga.

A história iria se repetir? Bebera demais, embriagara-se, tornara-se valente, e como era conhecido ali, seria possível reverter a sua inexistência como gente, como pessoa. Voltara a raiva: por onde andava o soldado amarelo? Queria revidar, falava e gritava besteira no meio da multidão, provocava, queria bater, queria matar. Muita coisa entalada na garganta, muita humilhação guardada, uma vida seca e desgraçada. Cansado e bêbado, gritar não melhorava, nada mudava. Fabiano então deita-se no chão e dorme profundamente sonhando com soldados amarelos.

Uma tragédia assola a família quando Baleia aparece doente devido aos pelos caídos, feridas na boca e inchaço nos beijos. Pelo ponto de vista de Fabiano, a cadela teria que ser sacrificada e por isto faria o que deveria ser feito. Sinhá Vitória faz o seu papel na empreitada, recolhendo os meninos para minorar o seu sofrimento. Mas os meninos não aceitavam aquela situação: como poderiam sacrificar um membro da própria família? Procuraram se desencilhar de Sinhá Vitória que sentia-se dividida e lamentava a falta de certeza de que aquilo era realmente necessário.

O primeiro tiro do pai na cadela inutilizara a sua perna, mas não a sua vida. As crianças, desesperadas, começaram a chorar a iminente tragédia. Os momentos finais da companheira Baleia estavam próximos, ela tentava esconder-se e até mesmo morder Fabiano, mas também o via como o companheiro de muito tempo. A visão da cadelinha turvou, dores e arrepios chegaram, bem como o sono. Sono profundo, sono da morte. Estava acabado. Ela se fora, a perda os perseguem, é o normal da vida daqueles seres. Tudo lhes era tirado.

E a perda permanecia em suas vidas formando um ciclo em constante repetição. Fabiano retirava para si parte do rendimento dos cabritos e os bezeros. No momento do acerto

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

de contas com o patrão, sempre achava que havia sido enganado. Ao longo do tempo, com a produção escassa, não conseguia dinheiro e endividava-se cada vez mais. Tinha algo estranho nisto.

Sinhá Vitória fazia as contas, mas o patrão mostrava-lhes outros números. Eles não entendiam dos juros que causavam a diferença, argumentava o patrão. Fabiano reclamava, mas o patrão não aceitava qualquer sinal de oposição. Se Fabiano não estava contente, desconfiava das contas do patrão, que fosse procurar outro emprego, outro local, e começar novamente. Valeria pena? Submisso, Fabiano desculpa-se e deixa o local arrasado, humilhado, mas logo lhe vem o pesamento: deveria ser a mulher quem não entende daquilo.

Sempre em desgraça, enquanto andava, voltava-lhe a raiva. As lembranças de um dia em que fora vender um porco na cidade e o fiscal da prefeitura exigira o pagamento do imposto sobre a venda vieram à tona. A vergonha de ser pego em flagrante por repetir o delito, deixara-lhe sem saída e o fez desistir daquela empreitada.

Pensava na dificuldade de sua vida. Não enxergava saída, mas havia alguma? Claro que não, o seu destino era trabalhar para os outros, assim como fora com seu pai e seu avô. Apenas alguns são privilegiados.

Em suas mãos havia poucas notas de dinheiro. Juros, o que era aquilo? Não lhe explicavam, ou então era muito burro para entender, tinha vergonha disto, ou seria aquela palavra difícil que os homens usavam quando queriam enganar os outros? As pessoas da cidade eram ruins, tiravam proveito dos outros. Fabiano e os seus estavam sozinhos neste mundo de Deus.

Mas ainda havia fatos por acontecer, as coisas ainda poderiam ficar piores, sempre ficavam. Ao procurar uma égua desaparecida, Fabiano enveredava-se adentro na vegetação local quando, ao cortar a vegetação com um facão em punho, encontra cara-a-cara o soldado amarelo, aquele que o humilhara anteriormente. No cruzar de olhos o reconhecimento durara fração de segundos, mas o suficiente para que Fabiano percebesse que poderia esfolar o inimigo. O

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

soldado era franzino, claramente estava tremendo de medo ao reconhecer o antigo desafeto e tinha ciência de que corria perigo.

Para Fabiano, tudo seria muito rápido e fácil, o oponente era um nanico frágil. A vingança tão sonhada e desejada estava ali ao seu alcance. Pensava que ele mesmo poderia ter evitado a noite na cadeia se tivesse agido de outra forma. No meio daquela paisagem isolada e hostil, hostil como a vida, seria o momento de se impor como gente, como homem. Na verdade, naquela fração de segundo interminável, Fabiano descobria-se amedrontado. Se ele era um homem de bem, para que arruinar a sua vida matando uma autoridade? Guardaria forças para um inimigo maior.

Sentindo o inimigo acovardado, o soldado ganha força e, avançando firme, decide perguntar o caminho a seguir. Em sinal de reverência, Fabiano tira o chapéu e ensina o caminho ao soldado amarelo.

Um bando de aves denunciava a chegada da seca, retirariam a água do gado, matariam os bois e as cabras. Sinhá Vitória estava incomodada e Fabiano sabia que a mulher tinha razão. Ao caminhar até o bebedouro as aves confirmaram o anúncio da seca. Um tiro de espingarda de Fabiano atinge muitas aves que sucumbem em meio às penas que pairam no ar. Fabiano finalmente confirmara que estava prestes a recomeçar uma nova peregrinação, uma nova fuga.

Sempre fugindo, sempre pequeno. Fabiano não se conformava, pensava com raiva no soldado amarelo, sentia-se um covarde, um fraco. Irado, matava mais e mais aves. Serviriam de comida, mas até quando? Quem sabe talvez a seca não chegasse? Era sempre uma esperança. Mas o céu escuro de arribações só confirmava a triste situação.

Lentamente Fabiano recolhe os cadáveres das aves e sente uma confusão de imagens em sua cabeça. Aquele lugar não era bom de se viver. Lembra-se de Baleia, procurava convencer-se de que não fizera errado em matá-la, pensava de novo na família e no que as arribações representavam. Sim, era necessário ir embora daquele lugar maldito. Sinhá Vitória era inteligente, saberia entender a urgência dos fatos.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

O céu muito azul e os animais em estado de miséria indicavam a Fabiano que a permanência naquela fazenda havia chegado ao fim. De todo o rebanho sobrara apenas um bezerro, logo sacrificado para servir de comida na viagem que se faria no dia seguinte.

Partiram de madrugada, abandonando tudo como encontraram. O caminho era o do sul. O grupo era o mesmo que errava como das outras vezes. Fabiano, no fundo, não queria partir, mas as circunstâncias convenciam-no da necessidade.

A vermelhidão do céu e o azul que viria depois assustavam Fabiano. Baleia era uma imagem constante em seus confusos pensamentos. Sinhá Vitória também fraquejava., as precisava falar. Disse ao marido coisas desconexas que foram respondidas no mesmo nível de atrapalhão. Ela tentava animar o marido, quem sabe a vida fosse melhor, longe dali, com uma nova ocupação para ele. Marido e mulher elogiavam-se mutuamente; ele era forte, aguentava caminhar léguas, ela, tinha pernas grossas e nádegas volumosas, aguentava também. A cidade, talvez, fosse melhor. Até uma cama poderiam arranjar. Por que haveriam de viver sempre como bichos fugidos?

Os meninos, longe, despertavam especulações ao casal. O que seriam quando crescessem? Sinhá Vitória não queria que fossem vaqueiros. O cansaço chegava à medida que avançava a caminhada, e assim houve uma parada para descanso. Novamente marido e mulher conversavam e faziam planos enquanto temiam o mau agouro das aves que voavam no céu. Fabiano admirava a vitalidade da mulher. Era forte mesmo! Assim, a cada passo arrastado do grupo, um mundo de novas perspectivas ia sendo criado. Sim, haveria uma nova terra, cheia de oportunidades, distante do sertão a formar homens brutos e fortes como eles.

DISCUSSÃO

O título dado a obra por si só traz o paradoxo de algo que é vívido e vibrante, suportado pela água, elemento essencial à vida, como se pressupõe a vida pulsante, mas traz ao mesmo tempo o sentido de quase-morte, daquilo que é restrito ao máximo, enxuto e tangente ao

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

fim. É a vida que não se vive. Algo que se arrasta no tempo e no espaço, que confronta as intempéries da natureza, inclusive o convívio social, num movimento de resistência e conformismo. É a história dos vencidos.

A narrativa desenrola-se na região mais atrasada do país, o sertão nordestino, num mundo em ruínas - que também retrata a alma dos personagens - carregado da rudeza da caatinga aos ossários ali presentes, representando a matriz do Brasil Arcaico.

Como enfatizado por Nísia Trindade, “o sertão, mais do que uma região geográfica, era um conceito que, naquele tempo, englobava a noção de distanciamento do poder público e de abandono do Estado. A sua incorporação insere-se no projeto da construção de uma nação moderna e, nesse sentido, a sua tematização tornar-se-á central para a interpretação do Brasil nos anos 1920 e 1930” (TRINDADE, 1999, p. 78).

Vidas Secas é criado nesse contexto de antagonismo entre o novo e o velho sob a ótica dos acontecimentos internos e externos que marcaram as primeiras décadas do século XX e a deterioração do sistema econômico controlado pela aristocracia brasileira.

A conjuntura de fatos econômicos, políticos e culturais, como a crise econômica provocada pela quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, a crise cafeeira, a semana de arte de 1922, a Revolução de 1930 e o acelerado declínio político e econômico da região Nordeste brasileira, viabilizou a estruturação de novas forças políticas direcionadas a modernizar o Brasil.

A Revolução de 1930 e seus desdobramentos trouxeram à tona a figura do Estado Desenvolvimentista de Getúlio Vargas e a introdução do processo de industrialização que promoveu profundas mudanças na estrutura da sociedade brasileira, notadamente a intensa migração de pessoas do campo para a cidade, do interior para as capitais, das áreas rurais para zonas urbanas, culminando com um intenso processo de urbanização.

A função desenvolvimentista do Estado também alavancou o progresso educacional brasileiro com a modernização do ensino de base e a criação de novas universidades, fomentando o surgimento de uma nova visão da elite intelectual para o país segundo a matriz modernista.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior lançam obras literárias recontando a história da formação do Brasil para buscar em nossas raízes as origens dos dilemas atuais e as possíveis soluções, ou seja, um processo que analisava o passado para explicar e repensar o presente e o futuro do país.

ANTONIO CÂNDIDO (2007), a referir-se às obras de Freyre - *Casa Grande e Senzala*, de Buarque de Holanda - *Raízes do Brasil* e de Prado Júnior - *Formação do Brasil Contemporâneo*, descreve a sua importância para a formação do novo movimento intelectual:

“ São estes os livros que podemos considerar chaves , os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da revolução de 1930 e não foi, apesar de tudo, abafado pelo Estado Novo . Ao lado deles , a obra por tantos aspectos penetrantes de Oliveira Viana já parecia superada, cheia de preconceitos ideológicos e uma vontade excessiva de adaptar o real a desígnios convencionais e mesmo conservadores.” (CANDIDO, 2007, p. 87)

Para OLIVEIRA (2003), as referidas obras

“ elaboraram interpretações que moldaram , definitivamente , nossa maneira de compreender a formação da sociedade , do Estado e da nação , com suas formas sociais , econômicas, políticas e culturais, com seus estigmas e modos de relacionamento (...)” (OLIVEIRA, 2003, p. 23)

O foco dessa nova classe de intelectuais passa a ser o exame do Brasil através das suas raízes tradicionais, notadamente a questão social abrangendo o espectro conservador das relações interioranas, as condições de vida do homem miserável do campo, como a fome, a desnutrição, o analfabetismo, a ignorância, dentre outras mazelas, e sua oposição ao expansionismo capitalista urbano-industrial.

Uma cultura formou-se durante as eras do Brasil Colônia e do Brasil Imperial valorizando apenas o senhor de terras, o latifundiário, o homem branco, intelectualizado e gestor dos seus negócios, em detrimento ao trabalho braçal, do homem negro, mestiço, escravo e depois livre, analfabeto e ignorante, como Fabiano.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

E na passagem do Brasil para o capitalismo moderno, as formas de trabalho baseadas na coerção extra-econômica, com vínculos de dependência ou subordinação, fora das relações “impessoais” do mercado foram mantidas. É o que Lenin conceitua de via não clássica ou “via prussiana”, onde a velha propriedade rural torna-se a empresa agrária capitalista, conservando-se a figura do proprietário rural que continua a ocupar com destaque os postos no Estado no modo capitalista.

Mas, diferentemente da Alemanha, onde o domínio rural deu-se através do regime feudal que foi confrontado pela revolução burguesa, no Brasil prevaleceu o sistema colonial de ocupação da terra, preservado ao longo dos séculos por arranjos ou manobras políticas das elites excluindo a participação popular naquilo que se classifica como a revolução pacífica traduzida pelo mote popular “*vamos mudar para que as coisas continuem as mesmas*”.

No dizer de COUTINHO (1989), trata-se de um itinerário para o progresso social sempre no quadro de uma conciliação com o atraso:

“Ao invés das velhas forças e relações sociais serem extirpadas através de amplos movimentos populares de massa, como é característico da ‘via francesa’ ou da ‘via russa’, a alteração social se faz mediante conciliações entre o novo e o velho, ou seja, tendo-se em conta o plano imediatamente político, mediante um reformismo ‘pelo alto’ que exclui inteiramente a participação popular”. (COUTINHO, 1980, p. 100)

Os golpes e as formas de governos reformistas no Brasil resultam das revoluções passivas, das manobras feitas pelo alto pelas elites opostas às revoluções populares do tipo jacobina. A luta sempre ocorreu nos bastidores em torno das elites sem a participação das massas populares, desorganizadas e reprimidas pela falta de coesão.

Para Caio Prado Júnior (1979), o Brasil realmente tornou-se um país moderno e capitalista, mas com traços próprios, ou seja, o que se pode denominar como capitalismo “não clássico” com remanescentes de relações escravistas que trazem consigo a coerção extra-econômica sobre o trabalhador rural e se desdobram para o desenvolvimento capitalista, já que afetam e contribuem para aos baixos padrões de vida brasileiro.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Em paralelo a autores como Lenin e Gramsci, Caio Prado Júnior também discorre sobre as mudanças efetivas, pelo alto, sem nenhuma participação do povo, como por exemplo o processo de Independência, que não atendeu as demandas econômicas do país. O autor investiga o passado em sua complexidade e articula as suas implicações no presente. Procura então responder historicamente de que modo e vias a situação, a evolução do país transcorre desde o período colonial, passando pelos diversos marcos, até o presente. Mesmo o seu desconhecimento da “via prussiana”, não o impediu a contribuir com o entendimento dos processos históricos ocorridos no Brasil, ao contrário enriqueceu o conceito de vias “não clássicas” para o capitalismo.

Esta forma de conceituar e interpretar os fatos do cenário brasileiro neste âmbito, em oposição a várias outras correntes, determina o “remédio” para esta doença social e seus desdobramentos. Nas reflexões do autor, ocorre apenas uma transferência política, para as classes superiores do regime vigente, sem nenhuma participação do povo, estreitando as posições com Gramsci. Indica a ausência de organização dos grupos sociais, bem como de formas de lutas por condições melhores das camadas médias e inferiores para uma atuação política efetiva.

Ainda segundo Caio Prado Júnior (1957) *“a economia nacional, e com ela nossa organização social, assente como estava numa larga base escravista, não comportava uma estrutura política democrática e popular”*.

Na sua visão, o atrasado é funcional ao desenvolvimento do moderno no Brasil, pois na passagem da sociedade escravista para a sociedade urbana de classes, a herança colonial e escravista não foi efetivamente subjugada, e resultou somente em uma nova combinação de atores e espaços onde o escravo negro da senzala torna-se o homem negro livre da periferia dos centros urbanos ou nas próprias favelas, mas cuja penúria, miserabilidade e exclusão social não são alteradas. É o que Otavio Ianni (1962) classifica de metamorfoses do escravo.

A impotência das camadas subalternas apresentava-se sem necessidade de resposta em função da forma de repressão estatal, bem como da desorganização interna. Já as contradições no seio das classes dominantes podiam ser resolvidas: *“os governos que se seguem*

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

à Maioridade têm todos o mesmo caráter. Por isso mesmo é comum, e mal se estranha, a passagem de um político para outro, e efetivamente o foram, pela via de cooptação e do transformismo”. (PRADO, 1957, p. 81)

Coutinho (1979) destaca então a semelhança com as análises de Caio Prado, já que atenta para a grande exploração rural que se perpetua até os nossos dias, com a adaptação a um sistema capitalista de produção através de um processo ainda não finalizado, mesmo com a substituição do trabalho escravo pelo livre. O autor reitera que Lenin confirmaria esta forma como “não clássica” à medida que haveria uma adaptação que conservava o conceito de grande propriedade e os traços servis nas relações de trabalho.

A modernização brasileira, portanto, não é apenas conservadora, mas colonial, escravista, fruto de revoluções passivas, de um capitalismo dependente e hipertardio, pois o processo de industrialização desenvolveu-se apenas nos anos 1950. Tal situação caracteriza a modernização brasileira pelas vias não clássicas.

São dois Brasis distanciados no espaço e no tempo, vivendo em antagonismo. O Brasil moderno, cosmopolita, de ideias e concepções urbanas, com a sua burguesia incipiente, assentado em cidades próximas à costa litorânea e voltado para a industrialização, buscando a sua inserção no rol dos países mais avançados da civilização ocidental do início do século XX, de um lado, e o Brasil antigo, arcaico, miserável, esquecido e inóspito do sertão, centrado em relações sociais conservadoras herdadas do sistema colonial português.

O sucesso do Brasil Moderno depende da exploração da miserabilidade, da ignorância e desagregação do trabalho no campo e na cidade do Brasil Arcaico – essa é a exploração de Fabiano ao longo da sua jornada.

As mudanças trabalhistas positivas introduzidas na era Vargas foram dirigidas exclusivamente ao trabalhador urbano - como a instituição do salário mínimo, o limite da jornada de trabalho na indústria e no comércio, a regulação do trabalho das mulheres e do trabalho infantil – durante os anos marcados pelo desenvolvimentismo do Brasil e sua industrialização tardia com a formação de um novo proletariado urbano. Não houve menção, contudo, de garantia

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

social ou benefício legal para o trabalhador rural, retrato daquela sociedade brasileira que associava o arcaico e o moderno no mesmo universo de relações sociais, justamente para evitar a influência dos comunistas e da Igreja Católica na insurreição campesina.

Exatamente essa é a situação vivenciada por Fabiano: trabalho rural, precário, informal, ao desabrigo das leis de proteção e da seguridade social, nada mais é do que uma relação de absoluta submissão e exploração baseada na desconfiança e desequilíbrio de forças entre as partes – empregado e empregador.

Fabiano submete-se ao seu empregador a quem trata por “amo” ante a insegurança de sua permanência no trabalho e conseqüentemente na pouca proteção vivenciada por sua família e, assim, aceita o regime de partilha como remuneração e é mutilado mensalmente em seu pagamento pela inclusão de juros por empréstimos e também pela incompreensão dos cálculos que lhe são apresentados como prontos e definitivos, sem qualquer chance de contrariedade.

Trata-se do fenômeno da movimentação do capital através do qual o patrão - o proprietário do latifúndio - somente aparece na fazenda quando há sinal de chuva e possibilidade de lucro com a engorda e venda do gado. Até então, não se preocupa com os posseiros ou mesmo com a sua propriedade, pois tem certeza de que o seu poder é absoluto e não sofrerá perdas.

Vemos a racionalização econômica da propriedade rural com o único escopo de explorar ao máximo os seus bens, incluindo o trabalho e a pessoa de Fabiano, até a exaustão, num mundo em que não há moral ou ética nas relações de trabalho fundadas em formas servis, de opressão, de coerção extra-econômica.

Enquanto o trabalho temporário de Fabiano não é capaz de sustentá-lo e à sua família pelo ano todo, o mesmo não acontece com o patrão, cujos lucros sazonais são suficientes para tanto.

É o ciclo do capital, que se ora se movimenta no campo, de fazenda para fazenda do mesmo proprietário, sempre em busca de maior ganho e pressupondo a existência da massa de trabalhadores famintos e desamparados em busca de colocação. O vetor de mudança é a chuva e a probabilidade de lucro que gera ao proprietário rural.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

No espaço retratado na obra não há lugar para a coisa pública, pois tanto no campo como na cidade o poder é organizado em torno e em prol da elite proprietária de terras, com participação servil do clero religioso e das poucas instituições governamentais presentes.

A caricata figura do Estado é apresentada na trama em situações de opressão a Fabiano, como na cobrança pelos fiscais da prefeitura de quinhão na venda de carne de porco e no injusto encarceramento do trabalhador.

Aqui temos a relação direta e inseparável entre educação e poder político. Somente os letrados são legitimados a participar e traçar os objetivos da sociedade rural caracterizada pela grande propriedade (latifúndio) e cujo proprietário a tudo e a todos comanda implacavelmente, sem qualquer interferência do Estado.

A estrutura agrária brasileira manteve as heranças do sistema escravista colonial com traços e cicatrizes profundas de autoritarismo e de exclusão.

A prevalência da grande propriedade sobre a pequena e a média propriedade que impedia o acesso de grande parte da população, notadamente as camadas subalternas, à posse da terra, de um lado, e a ausência de legislação social e trabalhista voltadas à organização e proteção dos trabalhadores rurais, frustando a formação do processo de sindicalização, revelam o caráter pouco democrático daquela estrutura ao impedir o acesso de grande parte da população.

E a participação decisiva do Estado Desenvolvimentista a partir da década de 1930 ao impulsionar o processo de modernização e industrialização nas áreas urbanas propiciou o incremento nos postos de trabalho nas cidades e, conseqüentemente, o deslocamento das massas de trabalhadores rurais para a formação dos grandes centros urbanos.

Graciliano Ramos enfoca em *Vidas Secas* esse êxodo rural na peregrinação de Fabiano e sua família rumo ao “sul” em busca de melhores condições de sobrevivência, em clara referência ao sólido movimento migratório que assolou a região nordeste na primeira parte do século XX que transformaria rapidamente a estrutura demográfica do Brasil com predominância da população urbana pela primeira vez na história sobre a população rural.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

CONCLUSÃO

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos desnuda as relações de poder e de exploração da sociedade brasileira do início do século XX na região agreste nordestina através da jornada de Fabiano e sua família pelas intempéries naturais do sertão e expostos ao abandono e à injustiça social.

O silêncio das personagens e seus respectivos “exílios linguísticos” revelam o drama de uma família desamparada que se cala diante da natureza agreste hostil e da hostilidade de uma classe dominante originária do sistema agrário que fortalecia o latifúndio.

A falta de palavras das personagens também representa a arma de opressão social imposta aos miseráveis tolhidos da condição básica de sociabilidade que é alcançada pela comunicação. Dessa forma, o autor expõe a exclusão social marcada por toda e qualquer forma de ignorância, perpetuando a condição do indivíduo oprimido que silencia e sofre.

Na personagem central do romance, o vaqueiro Fabiano, evidencia-se a pobreza vocabular, a grande dificuldade em raciocinar e a incapacidade de compreender as forças que o dominam e determinam a sua existência. É flagrante a ignorância dos próprios sentimentos, a forma irrefletida de viver, a sobrevivência como objetivo único de vida, a percepção do mundo como obstáculo para a plena realização de sua individualidade e a expressão da sua subjetividade. Ser um Fabiano é estar incapacitado de dar sentido e significado a sua experiência social, é não pensar o mundo de uma maneira crítica e consciente.

Segundo WRIGHT MILLS (1969):

“raramente têm consciência da complexa ligação entre suas vidas e o curso da história mundial, por isso os homens comuns não sabem, quase sempre, o que essa ligação significa para os tipos de ser em que se estão transformando e para o tipo de evolução histórica de que podem participar. Não dispõem da qualidade intelectual básica para sentir o jogo que se processa entre os homens e a sociedade, a biografia e a história, o eu e o mundo. Não podem enfrentar suas preocupações pessoais de modo a controlar sempre as transformações estruturais que habitualmente estão atrás deles” (MILLS, 1969, p. 10).

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

E a nossa existência só pode ser compreendida se tornamo-nos conscientes da nossa posição social na grande ordem do todo. Mas o que determina a condição social de Fabiano e sua família de Fabiano? Como salienta Coutinho (1979): “só aparentemente o nomadismo de Fabiano decorre de um fenômeno natural, da seca: ele se liga, em primeira instância, ao fato de não ser Fabiano um proprietário, o que o impede de vincular-se definitivamente à terra”.

Mesmo escrita em 1938, a obra *Vidas Secas* permanece retrato fiel da realidade brasileira. A miserabilidade da família de Fabiano revela a herança nefasta do sistema colonial imposto por Portugal, baseado na opressão do capital e marcado pela grande propriedade e concentração de riqueza, que gera e aprofunda a miséria das classes desfavorecidas.

Graciliano Ramos não esconde em sua obra a terrível desigualdade social que ainda permeia todo o país e atinge a maioria esmagadora da sua população, desamparada e esquecida pelo Estado, manobrada por decisões tomadas sempre pelas classes dominantes.

Bibliografia:

CANDIDO, A. “*Teresina, Etc*”. São Paulo: Ouro Sobre Azul. 2007.

COUTINHO, C. N. “*Uma via não clássica para o capitalismo*”. In: D’INÇÃO, Maria Ângela (1989). *História e Ideal. Ensaio sobre Caio Prado Júnior*. São Paulo: Brasiliense/Editora Unesp.

COUTINHO, C. N. “*A democracia como valor universal*”. São Paulo: LECH, 1980.

D'AMBRÓSIO, O. “*Vidas Secas: Análise do livro de Graciliano Ramos*”. 2007. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/vidas-secas-analise-do-livro-de-graciliano-ramos>>. Acessado em: 26 fev. 2017.”

FAORO, R. “*Os Donos do Poder - formação do patronato político brasileiro*”. Porto Alegre, Editora Globo, 1958.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 20 – 2017
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

- IANNI, O. “*As metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravatura no Brasil Meriodional*”. Editora: Difusão Européia do Livro, 1962
- IANNI, O. “*Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil*”. Editora: Civilizaçã Brasileira, 1963.
- LIMA, N. T. “*Um sertão chamado Brasil*”. São Paulo: Hucitec. 2013.
- OLIVEIRA, F. “*A Navegação Venturosa, Ensaio sobre Celso Furtado*”. Editora Boitempo, 2003.
- PRADO, C. J. “*A questão agrária no Brasil*”. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.
- PRADO, C. J. “*Evolução Política do Brasil e Outros Estudos*”. São Paulo: Brasiliense, 2º Ed., 1957.
- RAMOS, G. “*Vidas Secas*”. São Paulo: Editora José Olympio, 1º edição (1938).
- VLADIMIR, I. L. “*O Programa Agrário*”. São Paulo: Editora Brasileira, 1980.
- MILLS, W.t C. “*A imaginação sociológica*”. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.